



**ENVELHECIMENTO E GÊNERO:** um estudo sobre fenômeno de feminização da velhice

**AGING AND GENDER:** a study on the phenomenon of feminization of old age

**Miliane De Carvalho Pinheiro**  
**Universidade Estadual Do Ceará (UECE)**  
**Kelly Maria Gomes Menezes**  
**Universidade Estadual Do Ceará (UECE)**

## **RESUMO**

Este artigo aborda o processo de envelhecimento como fenômeno mundial e visa tratar de modo mais específico envelhecimento e gênero e o fenômeno de feminização da velhice. Para tanto, foi realizada revisão bibliográfica de publicações e documentos que abordam a temática analisada. Diante do estudo, observou-se que o envelhecimento é um processo heterogêneo e vivenciado de modo distinto por homens e mulheres, sobretudo, diante dos papéis sociais atribuídos aos gêneros.

**Palavras-chaves:** Envelhecimento. Gênero. Feminização.

## **ABSTRACT**

Process as a worldwide phenomenon and aims to address more specifically aging and gender and the phenomenon of feminization of old age. For that, a bibliographical review of publications and documents that approached the thematic analyzed was carried out. Before the study, it was observed that aging is a heterogeneous process and experienced differently by men and women, above all, in the social roles attributed to the genders.

**Keywords:** Aging. Genre. Feminization.

## **1 INTRODUÇÃO**

O envelhecimento populacional em larga escala é considerado algo recente e no que concerne à atualidade, segundo dados do Fundo da População das Nações Unidas (UNFPA) de 2012, uma em cada nove pessoas no mundo tem mais de 60 anos, o que representa 810 milhões no mundo. A expectativa é de que no ano de 2050, o número de pessoas acima de 60 anos ultrapasse o número de pessoas com faixa etária inferior a 15.



No Brasil, também tem ocorrido essa tendência mundial de envelhecimento, o que pode ser observado através de dados estatísticos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os idosos considerando a faixa etária com mais de 60 anos, representam aproximadamente 21 milhões dos brasileiros, o que consiste no dobro dos dados coletados em 1991 no país, que concebiam 10,7 milhões de idosos.

Conforme a publicação de 2016 do IBGE, o Brasil vem vivenciado a tendência de envelhecimento demográfico, isto em decorrência do aumento do percentual dos idosos na população brasileira e a diminuição dos demais grupos etários. Ainda segundo a publicação, a partir do ano de 2010, o indicador da proporção de idosos no país começou a se aproximar dos dados projetados em países desenvolvidos. Estima-se que no ano de 2070, a proporção da população idosa brasileira – acima de 35% - apresente-se como superior ao indicador dos países desenvolvidos.

Cabe salientar as repercussões de gênero no envelhecimento, uma vez que o processo de envelhecimento afeta de forma diferenciada homens e mulheres. Por meio dos dados estatísticos, é constatado que as mulheres representam o maior quantitativo de pessoas no período da velhice. Conforme Salgado (2002), as mulheres vivem uma média de sete anos a mais do que os homens, tal fato é caracterizado como o fenômeno de feminização do envelhecimento.

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo de envelhecimento e os rebatimentos de gênero neste processo, além de, realizar uma discussão acerca do fenômeno de feminização da velhice. Para tanto, foi utilizado a pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico por meio do estudo de autores clássicos e contemporâneos que discutem a temática.

A escolha da pesquisa de cunho qualitativo deve-se à compreensão de que esta abordagem se destina a assuntos particulares, que não podem ser quantificados. “Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 1994, p.21)

Corroboramos com o pensamento de Fonseca (2002) de que o trabalho científico se inicia por meio da pesquisa bibliográfica, uma vez que permite ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto. Portanto, utilizamos a pesquisa de caráter bibliográfico para a análise de referências teóricas das categorias centrais da pesquisa. No levantamento de referências foi utilizado como base livros, artigos e publicações de páginas da *internet*.



O presente artigo está sistematizado em cinco tópicos, o primeiro consiste nesta introdução no qual foi apresentado o tema. Já no segundo tópico será retratado as definições e classificações atribuídas ao envelhecimento, tais como, aspecto cronológico, biológico, etc. No terceiro tópico situaremos as categorias velhice e gênero, fazendo apontamentos sobre a construção de papéis sociais atribuídos ao ser homem e ao ser mulher que acabam por incidir no envelhecer de homens e mulheres. Em seguida, no quarto item, dedico à análise da feminização do envelhecimento. E, por fim, foram abordadas as Conclusões da pesquisa.

## 2 ENVELHECIMENTO: DEFINIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES

O envelhecimento populacional apresenta-se como um fenômeno mundial, principalmente, devido à queda da taxa de mortalidade e redução da taxa de natalidade, o que tem ocasionado o crescimento quantitativo do percentual da população em situação de velhice. É nesse contexto, que a velhice passa a ser visualizada como uma questão da esfera pública, gerando uma preocupação social, o que resulta em pesquisas acadêmicas, censos demográficos e políticas públicas.

A definição da velhice ainda não é algo unívoco na literatura. Conforme Soares (2006, p.13), “A dificuldade para se chegar a um consenso reside no fato de que o envelhecimento e a velhice não podem conter uma única definição”. Isto porque existem diversos fatores que podem influenciar e incidir na velhice, tais como as dimensões biológica, cronológica, cultural, social etc.

Debert (2007), ao tratar da abordagem do envelhecimento na antropologia, aponta que esse é considerado uma categoria socialmente produzida e distingue o fato universal e natural, do fato social e histórico. O fato universal e natural consiste no ciclo biológico do ser humano e de parte das espécies naturais, que abrange nascimento, crescimento e a morte. Já o fato social e histórico corresponde à variabilidade das formas de conceber e vivenciar o envelhecimento. A autora ainda ressalta que as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos(as) e o tratamento destinado pelos mais jovens variam e tem significados distintos a depender do contexto histórico, social e cultural.

Apesar das distintas dimensões que englobam o processo de envelhecimento, o fator cronológico ainda é um dos mais utilizados para demarcar a velhice, sobretudo, nas sociedades modernas, o que também é utilizado como parâmetro para delimitar as demais



fases da vida, tais como, infância, juventude e vida adulta. A definição pelo aspecto cronológico é baseada pela data de nascimento, ou seja, a idade é utilizada como base para definir as etapas da vida e os papéis sociais destinados a estas.

Debert (2007, p. 57), expõe, em sua pesquisa, que a idade cronológica não é predominante nas sociedades não-ocidentais, já “nas sociedades ocidentais elas são um mecanismo básico de atribuição de status (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria) etc.”

No caso da legislação brasileira podemos perceber esse perímetro cronológico através da Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. No Estatuto são consideradas como velhas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Embora as definições legais e próprio consenso da sociedade utilizem o critério dos marcos da idade, é importante ter a sensibilidade para perceber que a idade é relativa, haja vista a multiplicidades de fatores que englobam a velhice. Mascaro (1997, p. 35), ao indagar em que idade começa a velhice, ressalta que

Determinar a idade em que uma pessoa pode ser considerada idosa é uma tarefa difícil, pois num determinado momento histórico, numa dada sociedade e em diferentes situações sociais, uma pessoa pode ser considerada idosa aos 70, aos 60, ou até mesmo aos 40 anos.

Outro aspecto presente no envelhecimento diz respeito às mudanças e transformações biológicas que ocorrem gradativamente no corpo humano. Contudo, o envelhecimento biológico é retratado principalmente através das limitações, perdas funcionais e patologias. Esta descrição acaba produzindo uma imagem distorcida e estereotipada acerca da velhice, enquadrando-a em uma visão homogênea.

Neri (2001) ressalta que “assim como a velhice é uma experiência heterogênea, a qualidade de vida nesse período da vida é um fenômeno multidimensional e multideterminado” (p. 05), ou seja, não cabe enquadrar o envelhecimento apenas nos critérios de transformações biológicas, uma vez que, cada velho(a) enfrenta de modo diferenciado e desenvolve mecanismos para enfrentá-las de modo distinto.

A dimensão psicológica também engloba o processo de envelhecimento e varia de acordo com as percepções de cada sujeito social, por meio de suas experiências, vivências e a própria cultura ao qual pertence. Em relação a idade psicológica Mascaro (1997, p. 40), afirma que esta é:



[...]bastante abrangente, envolve as mudanças de comportamento decorrentes das transformações biológicas do envelhecimento, é influenciada pelas normas e expectativas sociais e por componentes de personalidade, sendo portanto algo extremamente individual. Assim, as mudanças no curso de vida se expressam nos relacionamentos interpessoais, nas atitudes, sentimentos e no autoconceito dos próprios idosos.

Outra dimensão presente no envelhecimento diz respeito a social e cultural, haja vista que a depender de cada sociedade e tempo histórico, a velhice obtém significados e papéis sociais distintos. Sendo assim, corroboramos com o pensamento de Debert (2012) que define a velhice como uma construção sociocultural. Deste modo, percebe-se que as concepções acerca das gerações não são dadas ou naturais, são reflexo de construções que envolvem as dimensões históricas, políticas, culturais, econômica etc., podendo assim variar as visões e compreensões das categorias a partir da época e da forma de sociedade.

### 3 ENVELHECIMENTO E GÊNERO

Faz-se necessário compreender a distinção da percepção do envelhecimento de homens e mulheres e evidenciar que a construção social acerca de gênero influi diretamente na forma que são tratados e entendidos - o velho e a velha - em nossa sociedade. Salgado (2002), destaca esta questão, apontando que as desigualdades que emergem o ser mulher também recaem no envelhecimento:

Infelizmente, as mulheres idosas continuam sendo parte de uma maioria invisível cujas preocupações emocionais, econômicas e físicas permanecem, em grande parte, ignoradas. Às desigualdades sociais, políticas e econômicas que são enfrentadas por todas as mulheres se agrega, à mulher idosa, a discriminação pela idade, que caracteriza uma sociedade orientada para a juventude. (p.16-17)

Ser mulher velha ou homem velho, tem suas distinções em nossa sociedade. Sibilia (2011) chama atenção para o fato da dificuldade de envelhecer no mundo contemporâneo diante da disseminação das aparências juvenis e ressalta que, nesse contexto, “ser velha, então, pior ainda!”. p. 84). São, portanto, as mulheres que enfrentam de forma mais intensa a desvalorização no período da velhice “enquanto que o homem ganha prestígio com a idade”. (SALGADO, 2002, p. 10). Salgado, ainda complementa “sabe-se que, em uma sociedade, é



melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado”. (p.12)

Conforme Silva (2012), a desigualdade de gênero tem relação com a criação de mitos, a autora cita como exemplo, o mito judaico-cristão, que acaba por reforçar as relações de poder e dividir os papéis sexuais, construindo uma relação de disputa entre homens e mulheres. Em relação a isto, segundo Saffioti (1992, p.188), “O papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder” (SAFFIOTI apud SILVA, 2012, p. 05).

É dentro dessa conjuntura, que vão sendo criados estereótipos e validados os papéis sociais designados aos homens e às mulheres, “tornando verdades absolutas inquestionáveis e santificadas. Tece-se, assim a naturalização da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os gêneros”. (SILVA, 2012, p.5)

Os papéis sociais são instituídos culturalmente, repassados e ensinados desde a infância, e refere-se aos comportamentos esperados para homens e mulheres,

A sociedade atribui às mulheres, desde crianças, comportamentos dóceis, delicados e passivos. Em contrapartida, os homens são educados para tomar iniciativa, extravasando sua agressividade no cotidiano. À mulher cabem os sentimentos, as emoções, e a sensibilidade, enquanto ao homem compete a razão, a altivez e a superioridade. (SILVEIRA; OSTERNE, 2012, p. 103)

De acordo com as autoras (*ibidem*), essas são estratégias para disseminação da ideologia machista e patriarcal o que acaba por solidificar e naturalizar as desigualdades entre homens e mulheres. O processo de naturalização, portanto, versa por meio da perspectiva das diferenças anatômicas e biológicas entre o sexo, ou seja, a cada sexo caberia certas funções:

Por exemplo, entende-se que a mulher deve responsabilizar-se sozinha pelos filhos e pelo espaço doméstico, porque ela é quem engravida e, normalmente, amamenta a criança. Enquanto isso, como biologicamente o sexo masculino não é capaz de gestar um filho, cabe ao homem ocupar sua “função” na esfera pública e atuar como provedor material do lar. ( p. 103).

Tratar, portanto, de modo relacional essas duas categorias – envelhecimento e gênero é compreender que o gênero dá sentido ao envelhecimento, e que, a própria apreensão e as representações da sociedade acerca da velhice feminina são edificadas por meio da construção social de ambos os conceitos.



#### **4 FEMINIZAÇÃO DA VELHICE**

Como evidenciado no tópico anterior deste artigo, pode-se perceber que o envelhecimento perpassa a questão de gênero. A proporção de mulheres velhas em âmbito nacional é superior ao percentual dos homens; portanto, considera-se que o país vivencia um processo de feminização da velhice:

Ao fazer a análise da razão de sexo para grupos etários, identifica-se que o grupo de idosos é o que apresenta menor razão de sexo, ou seja, é um grupo em que, normalmente, há predominância de mulheres. Numa população em que o fluxo migratório é pouco expressivo, a maior concentração de mulheres nas idades mais avançadas está relacionada com a sobremortalidade masculina, fenômeno presente em quase todos os grupos etários. No grupo de idosos, fica mais evidente o efeito da maior mortalidade masculina, uma vez que um quantitativo menor de homens atinge essa idade. (IBGE, 2010, p.30)

Ainda conforme o Censo Demográfico do ano de 2010, no Brasil existe cerca de 3,9 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil. Fica perceptível, conforme os dados, que a razão do sexo nos municípios do país nas diversas faixas etárias é superior para o gênero feminino, o que é se perpetua na velhice.

Salgado (2002) sinaliza que o fenômeno de feminização da velhice se estende de modo geral, ao mundo, ao se considerar a proporção total de cada sexo. A autora ainda destaca que as mulheres vivem, em média sete anos a mais do que os homens, caracterizando que existe um excedente de mulheres velhas em relação aos velhos.

Segundo dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) (2012), para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais em todo o mundo, há apenas 84 homens; e para cada 100 mulheres com 80 anos ou mais, existem apenas 61 homens. A pesquisa ainda especifica que as relações de gênero estruturam todo o curso de vida e que são as mulheres velhas as mais vulneráveis às discriminações, exemplificando, que estas tiveram ao longo da vida menor acesso ao trabalho e ao atendimento à saúde, estão mais sujeitas a abusos, renda básica insuficiente e problemas quanto ao acesso à previdência social.

Em termos sociológicos, segundo Menezes e Pinheiro (2017), o fenômeno da feminização da velhice diz respeito a questão das transformações das normas etárias e de gênero que definem os padrões de comportamentos das mulheres velhas, as relações intergeracionais e os intercâmbios de apoio material, instrumental e afetivo entre as gerações.



Pesquisas sobre saúde e funcionalidade física apontam que as taxas de acometimento de saúde por doenças letais são mais elevadas entre os homens velhos; já as mulheres, apresentam maiores índices de doenças não fatais, apresentando sobretudo, doenças crônicas e incapacitantes. Outro fator que interfere na longevidade de vida a ser observado é que,

[...]a mulher tem a imunidade maior a doenças infecciosas, um fator hormonal de proteção próprio da diferença entre os sexos. Já os homens são acometidos por mortes violentas, sendo a maioria destas mortes ocorridas na cidade, ocasionadas por fatores externos, que seriam violência no trânsito, homicídios, questões de segurança etc. (NERI, apud, MENEZES, 2012, p. 41).

As mulheres em geral buscam mais os cuidados e as prevenções em relação à saúde e fazem mais uso de fármacos. Contudo, embora as mulheres apresentem maior longevidade que os homens, estas estão mais propensas a riscos adicionais, visto que, “na meia idade e na velhice são as mulheres as mais afetadas pelas consequências negativas de prestar cuidados as pessoas da mesma idade ou mais velhas, geralmente o cônjuge, pais e sogros”. (NERI, 2001, p. 11)

De acordo com Menezes (2017), analisar o fenômeno da feminização do envelhecimento considerando apenas as mulheres, significa conhecê-lo pela metade, pois, considerando o estudo da categoria Gênero, as mudanças na vida delas se dão na relação com a vida dos velhos. Assim, para a autora, faz-se necessário comparar a vida do homem velho em relação a mulher velha. A autora ainda utiliza Neri (2008), para caracterizar aspectos que se sobressaem da vida dos velhos em relação a vida das mulheres,

1) os homens são geralmente casados e, dessa forma, têm maior probabilidade de serem cuidados; 2) têm status mais alto do que as mulheres; 3) desfrutam de níveis de renda e de escolaridade geralmente mais altos; 4) são menos rejeitados por causa da perda de beleza e juventude; 5) têm auto-imagem mais positiva; 6) têm menos doenças crônicas e incapacidade; 7) são mais satisfeitos com a vida e têm uma percepção de saúde mais positiva. (NERI apud MENEZES, 2017, 167-168)

Nesse contexto, também é imprescindível citar que as mulheres velhas têm muitas vezes suas demandas tornadas invisíveis. Conforme Salgado (2002), as desigualdades enfrentadas ao longo da vida pelas mulheres, também são agregadas a mulher velha, sobretudo, devido à discriminação pela idade, diante do modelo de sociedade baseada e orientada para a juventude.

Pode-se observar uma clara distinção de gênero do tratamento dado a velhice feminina e masculina. Enquanto os homens em processo de envelhecimento são muitas vezes





considerados atrativos, como por exemplo, na exaltação da beleza dos cabelos brancos, a sociedade exige e espera das mulheres velhas uma série de cuidados pessoais e com a beleza, como, pintar cabelos e utilizar produtos para evitar rugas.

É nesse contexto, que são criados diversos mecanismos de mercado e consumo, as chamadas tecnologias do rejuvenescimento, que tem como finalidade atuar e reparar sobre as marcas do envelhecimento. Esses mercados de serviços para o envelhecimento que têm como principal alvo as mulheres.

Debert (2011, p. 70) sinaliza que algumas pesquisas avaliam as tecnologias do rejuvenescimento como prisão dos corpos das mulheres velhas. Segundo a autora, essas linhas de pesquisa consideram que “a obsessão das mulheres no combate aos sinais do envelhecimento é a outra dimensão da desigualdade em relação aos homens que tendem a perceber as rugas em seus rostos e cabelos brancos como signos de um amadurecimento charmoso”. Ou seja, aos homens é permitido envelhecer e ter marcas deste processo na vida e no corpo, já as mulheres são inseridas em um contexto de discriminação e segundo a lógica contemporânea devem se submeter a procedimentos estéticos e evitar as marcas da própria velhice.

Em síntese, compreendemos que, o fenômeno de feminização da velhice, corresponde a predominância do gênero feminino no envelhecimento. O contingente de mulheres a mais do que homens no processo de envelhecimento é um processo que tem ocorrido e acompanhado o envelhecimento populacional em todo o mundo.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto ao longo deste trabalho, foi possível perceber que o envelhecimento se tornou um fenômeno mundial, repercutindo também nos dados e censos demográficos do Brasil. Outro fator preponderante no processo de envelhecimento, são os rebatimentos de gênero. Como demonstrado, o quantitativo de mulheres velhas ultrapassa o número de velhos, o que ocasiona o fenômeno de feminização da velhice.

Além dessa diferenciação de gênero no que concerne à expectativa de vida, fica evidente a existência de um tratamento desigual ao envelhecer sendo mulher. As mulheres velhas, são as mais afetadas com os estereótipos criados acerca da velhice, sobretudo perante os papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher e o ideal de juventude disseminados na



contemporaneidade. Nesse sentido, pode-se observar uma clara distinção de gênero no tratamento dado a velhice feminina e masculina.

## **REFERÊNCIAS**

DEBERT, Guita G. (Org.). **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2012.

\_\_\_\_\_. Velhice e tecnologias do rejuvenescimento. In: GOLDENBERG, Mirian (Org). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam M. L. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Nova York e pela HelpAge International, Londres. Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e HelpAge International, 2012. Tradução: Eleny Corina Heller.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. IBGE. Perfil dos Idosos responsáveis por domicílios no Brasil 2010. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas, Informação demográfica e socioeconômica, n.9, 2010.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2016**. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas, Informação demográfica e socioeconômica, n.36, 2016.

MASCARO, Sonia de A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MENEZES, Kelly M. G. **Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: Um debate, sobre os (re) significados da corporeidade na velhice**, 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.



\_\_\_\_\_. **Agora é minha vez de ir pra escola!:** Os desafios na educação para mulheres velhas em um programa de EJA, Fortaleza – CE. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MENEZES, Kelly M. G; PINHEIRO, Miliane de C. In: ANDRADE, Francisca R. B. (Org.) **Serviço Social:** uma profissão, distintos olhares. Fortaleza: Eduece, 2017

NERI, Anita L. **Envelhecimento e qualidade de vida na mulher.** In: Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia. 2001. p. 2-18.

OSTERNE, Maria do S. F.; SILVEIRA, C. M. H. Relações de gênero: uma construção cultural que persiste ao longo da história. **O público e o privado**, n. 19, p.101-121, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Rearticulando gênero e classe social.** In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.183-215, 1992

SALGADO, Carmen D. S. **Mulher idosa:** a feminização da velhice. **Estudo Interdisciplinar Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papeis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco.** 5. ed. mar/2012.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

SOARES, Elydiana de S. S. **Refletindo os idosos atendidos na Unidade de Abrigo do Estado do Ceará:** imagens acerca do processo de envelhecimento e da velhice. 2006. Fls. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.